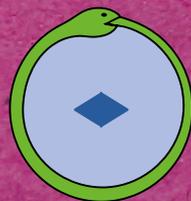
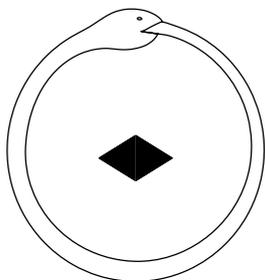


UTOPIA E DISTOPIA:
UM DIÁLOGO NA FLIP 2021
Antonio Nobre



cadernos
SELVAGEM



UTOPIA E DISTOPIA: UM DIÁLOGO NA FLIP 2021

Antonio Nobre

Este caderno é a transcrição da fala de Antonio Nobre na Mesa 10: Utopia e distopia, realizada durante a 19ª Festa Literária Internacional de Paraty. O texto é parte do diálogo entre Nobre e Margaret Atwood, mediado por Anabela Mota Ribeiro, transmitido ao público no dia 1 de dezembro de 2021 pelo canal oficial da Flip no YouTube.

CONSCIÊNCIA

As plantas existem há muito tempo, há bilhões de anos, desde o tempo da formação da Terra. A gente não teria oxigênio para respirar se não fossem elas. O fato de que as plantas têm tal poder que têm e por agirem de uma forma invisível as tira da nossa consciência, então precisamos dos artistas e dos poetas para trazer esses seres espetaculares para o nosso consciente.

A espada de São Jorge¹ é um exemplo espetacular dessa capacidade de fazer essa mediação e eu colocaria outro, que é a inspiração dos espíritos da floresta. Todos os povos nativos, da Amazônia e fora dela – os povos nativos do mundo, no Canadá tem os **Inuítes** e tantos outros em outros continentes, excetuando a Europa que já perdeu seus povos nativos – têm essa conexão com a natureza via a espiritualidade. Eles compreendem algo que está muito além da soma de átomos e moléculas. Embora a ciência possa com muita propriedade mapear e meargear, escrever, contar, analisar, reduzir, ela perde neste processo a compreensão da propriedade emergente da vida que os espíritos ensinaram aos povos ancestrais desde tempos imemoriais. A perda da conexão desse todo, da articulação da vida em nosso benefício, em benefício da própria vida, portanto nosso, é a origem do que eu entendo por distopia.

1. Refere-se à obra da artista Yuli Anastassakis que consiste no bordado de espadas de São Jorge com a frase “proteção para tempos sombrios”. A obra estava estendida como pano de fundo da mediadora Anabela Mota Ribeiro.

As plantas são exemplos poderosos de uma atividade benfeitora feita de uma maneira silenciosa, sem ego, porque quando uma árvore está operando ela está liberando oxigênio, retirando gás carbônico, soltando aromas maravilhosos no ar que nos alegram a alma, ela está emitindo flores, atraindo abelhas, pássaros, está produzindo madeira, está fazendo todos esses serviços de maneira abundante e gratuita e oferece isso para todos os demais seres que dependem delas para existir na “película de Gaia”, como Bruno Latour chama, essa pequena delgada finíssima camada que envolve a Terra e que nos permite respirar e acordar todos os dias de manhã vendo o nascer do sol e dormir com o pôr do sol maravilhoso. São espetáculos à parte, são o caleidoscópio. A vida, o dia, se segue como um caleidoscópio. Não tem um dia igual ao outro, não tem espécies iguais às outras. A própria arte no meu entender é uma manifestação desse caleidoscópio maravilhoso da vida que nos enriquece.

As plantas só podem ser protegidas hoje, nesta distopia que nós vivemos em escala planetária, pela consciência. A consciência é a única forma de compreensão de algo que era ou é desconhecido para a maior parte das pessoas. Eu digo sempre, aquilo que os olhos não veem o coração não sente. Então todos os processos subjacentes da vida que fazem com que a gente possa habitar este planeta, que é único, não se conhece outro planeta com essa capacidade, são exercidos pelas plantas e por todos os microorganismos e animais e tudo o que é vivo. A consciência disso pode chegar nas pessoas, como aconteceu recentemente com um bilionário americano que montou num foguete, foi para o espaço e olhou a Terra de fora. Aconteceu o que acontece com os astronautas que chama-se efeito panorama, é uma consciência instantânea, *overview effect*. Uma consciência instantânea do que significa estar neste planeta. Essa consciência é a única forma, é a espada de São Jorge, no sentido de que você retorna e mata o dragão, mata a distopia. É o que precisa ser feito agora em relação às mudanças climáticas. Na Amazônia ainda temos uma grande quantidade de utopia, a utopia da vida. E em Paraty tínhamos também, e na Mata Atlântica sobrou 4%. A distopia está comendo e chegando próximo. No momento em que a gente olha a Terra de fora como sugerido por Sócrates há mais de dois mil anos atrás, se a gente puder sair e olhar o mundo de fora, contemplar a Terra de fora,

a gente reconhece a grandiosidade do mundo. A consciência é a única forma de nos proteger da distopia, no meu entender.

WI-FI DO CORAÇÃO

Eu acho que essa perspectiva [do amor, da colaboração, da harmonia] é difícil para falar com muitos cientistas. Eu tenho feito um apelo aos meus colegas que esse é um caminho que nós precisamos reconduzir as orientações de cinco séculos que nos fizeram divorciar do mundo holístico. Como cientista, eu posso olhar no centro do sol e saber como foi calculado, que quatro milhões de toneladas de nitrogênio se transformam em energia e uma quantidade absurda de hélio, e isso é um processo de fusão. É um processo físico que tem em si um mistério, é um enigma na realidade. De onde vem essa força? Ela vem de dentro do núcleo do ar, mas é uma coisa que ainda carece de explicação mais expansiva. Não obstante, nós não precisamos ir lá no centro do sol, nem podemos ir. Só podemos ir com as ideias e com os cálculos, mas nós podemos abraçar uma pessoa que a gente ama e sentir na proximidade dos corações, o Wi-Fi do coração. Uma comunicação instantânea que *bypassa*, estou falando anglo-português aqui, que *bypassa* a análise fria intelectual. A análise fria intelectual é desacoplada do próprio corpo. Quando a gente está com o intelecto muito ativo a gente esquece de ir ao banheiro, esquece de comer, esquece de dormir, e isso é uma aberração em termos naturais. É uma total aberração, porque o corpo é uma mãe. O corpo sustenta toda a atividade intelectual do cérebro. E esquecer do corpo não é diferente de esquecer de Gaia, esquecer do mundo, esquecer das flores como dizia a Margaret [Atwood]², não ver as flores, passar direto, estar muito ocupado, *busy*, sem tempo para as pequenas coisas, nem para as crianças.

Eu tenho feito esse discurso com um viés científico, porque a ciência se apresenta para a humanidade como um empreendimento que busca a verdade. E a verdade não pode ficar constricta ao método, ela não pode

2. Refere-se à reflexão de Margaret Atwood sobre o esquecimento de nós, humanos, em relação à importância das plantas/flores para nossa sobrevivência: seres que garantem a produção de oxigênio e, portanto, a nossa respiração.

ficar constricta a dogmas, sejam eles científicos inclusive. Então quando eu falo de amor, estou falando dessa energia de fusão que a gente pode voltar ao longo da história da humanidade, voltar na revolução francesa, você tinha o *liberté, égalité et fraternité*. O *liberté* conduziu ao liberalismo, o *égalité* produziu o socialismo, o comunismo, e o *fraternité* não chegou ainda. Ele está por vir porque agora com a falência múltipla de órgãos no corpo de Gaia, talvez não fiquemos sem oxigênio para respirar, mas muitas outras coisas vão piorar antes disso. No Canadá mesmo, esse último verão chegou a mais de 50 graus centígrados, Celsius. É algo que poucas pessoas têm a percepção, os cientistas têm. Você encontra cientistas com problemas psíquicos. Os cientistas que trabalham com a questão climática têm problemas psíquicos, muitos procuram tratamento porque a humanidade não acredita. Ela não escuta, ou pelo menos não tem escutado até então, não percebe a seriedade. É como se a distopia tivesse se tornado um *matrix* porque se tornou invisível. Como na trilogia hollywoodiana, a realidade que nos ameaça e que nos vai tirar não só o oxigênio, mas a água e o conforto, é invisível, porque as pessoas continuam acreditando que está tudo bem, que não tem problema, e perderam essa conexão. Já se você tivesse o *fraternité*, se você abraçasse uma árvore, se você se deitasse no solo e abraçasse Gaia, como sugere Ailton Krenak numa tirada poética maravilhosa, você se deita sobre a terra, sobre um gramado, sobre o chão da floresta e se abraça com Gaia e as energias de Gaia vão nos trazer essa reconexão que nós perdemos através dessa aberração que no meu entender é humana.

AS CONEXÕES

Eu estudo a natureza, na natureza quando observo os organismos, vejo perfeição. Não que os organismos sejam perfeitos, mas as conexões que esses organismos fazem estão em acordo com a lei natural, e a lei natural tem muito forte esse elemento do *fraternité*. A colaboração é totalmente onipresente na natureza. Se você pegar uma célula sua, ou de uma planta ou de um fungo, que é uma célula eucariótica, que é complexa e dentro dela tem muitas organelas, um parque industrial completo e bioquímico, e você for olhar como é que isso se formou?

Endossimbiose, a Lynn Margulis explicou. É um processo de fusão último e de união, por isso o amor é importante. O amor não deveria ser um tema piegas, não deveríamos ter dificuldade para falar isso, especialmente cientistas. Porque é uma força de resgate poderosa e cada pessoa que ama, desde o seu animal doméstico, seu pet, até um outro ser humano, e um povo, e ama estar vivo e ama estar na Terra, deveria poder falar disso sem nenhum constrangimento, sem nenhum problema, muito pelo contrário.

Eu queria deixar uma mensagem muito importante. O ser humano tem utopia e distopia dentro de si. Estou tomando uma licença literária, vamos falar assim, para usar os dois termos em contextos diferentes, mas apelando para a bondade do ouvinte, de quem lê e de quem ouve, de que essas são como se fossem metáforas. A descoberta do microbioma dentro do nosso sistema digestivo, com mais de mil espécies dependendo do ser humano e dependendo da dieta, é um exemplo dessa utopia. Nós temos uma assembleia de microorganismos que nos permitem digerir o alimento. Um estudo feito na floresta atlântica, que é essa que envolve Paraty, encontrou sobre as folhas das árvores 3 milhões de espécies de bactérias. Espécies, não 3 milhões de células, mas 3 milhões de espécies. Um estudo feito na República Tcheca mostrou que no solo da floresta debaixo de um metro quadrado você tinha cinco mil km de hifas de fungos. Os fungos são engenheiros dos ecossistemas. As bactérias são micro manipuladores de átomos e moléculas. Não tem um floco de neve, não tem um grão de gelo ou cristal de gelo, ou uma gota de água que se forma na atmosfera que não tenha uma bactéria dentro manipulando. Esse é na realidade o *matrix*, porque a gente não tem consciência de nada disso. A ciência está trazendo isso. Eu vou chegar nos indígenas, porque a ciência precisou de um arsenal de ferramentas, de desenvolvimentos reducionistas para poder tirar foto das bactérias, dos fungos, entender que os animais são jardineiros da floresta. Eles não estão lá predando, eles estão colaborando, mesmo os que predam. Eles têm um sistema incrivelmente avançado e evoluído de cooperação e essa realidade pouco a pouco chega através da ciência, talvez tardiamente quando a gente fala de distopia. Se a distopia predominar a gente vai perder esse ser vivo que é Gaia. Aí eu chego e escuto, como um dia eu escutei do

Davi Kopenawa Yanomami, um canto desses indígenas. Diferente talvez de muitos indígenas no Canadá, aqui na Amazônia durou mais tempo a ausência de contato europeu, então talvez tenham preservado algumas coisas como essa. Ele dizia assim, “será que o ser humano branco não sabe que a hora que ele cortar a floresta vai parar de chover? E na hora que parar de chover ele não vai ter nem o que beber nem o que comer?”. É uma elegância matemática, porque ele sintetizou numa frase o que a ciência levou vinte anos com aviões, super computadores, laboratórios, barcos, torres, um arsenal, um inferno de ferramentas e milhares de cientistas para chegar na conclusão que ele já tinha. E ele teve essa conclusão sem precisar ter destruído a floresta que eles viviam há milhares de anos. Então, em síntese, o que é que os povos indígenas fazem, eles trazem uma linguagem de fábula, uma síntese que tem a elegância da equação matemática mais poderosa para explicar os fenômenos. Nós dependemos deles, e não só dos daqui. Do Canadá e de outros povos também, para fazer uma leitura rápida e integrativa do holismo que nós perdemos com o mundo reducionista, sem, por outro lado, perder tudo o que o reducionismo nos trouxe. Nós não estaríamos fazendo a Flip virtual se não fossem os computadores, se não fosse a internet. Então sem desmerecer. Isso tem sido um círculo de união fantástico com os povos indígenas e a ciência. A ciência trazendo esclarecimento, nós contamos o número de bactérias, de fungos, de animais, de plantas, de oxigênio etc, e os indígenas fazem uma leitura instantânea. Eles olham e falam, “olha, está acontecendo isso aqui”. Nós precisamos fazer essa união pelo bem da nossa sobrevivência, pela continuidade no planeta. Se nós não fizermos isso, a distopia em curso, esse *matrix* que não é real no mundo concreto mas é real dentro das mentes das pessoas, como nos ensina Noam Chomsky, esse *matrix* vai devorando a nós, a nossa sociedade, a nossa cultura, a nossa existência. E junto está levando à sexta maior extinção de espécies. Tem uma bióloga americana, a Janine Benyus, que escreveu nos anos 1990 um livro chamado *Biomimética, os segredos da natureza*, pegando carona no que falou a Margaret sobre a biologia e a gente se inspirar na natureza, como a Janine ensina, para reinventar a nossa tecnologia, para submetê-la a essa beleza, essa bondade, essa generosidade da natureza que os povos nativos tão bem

conseguem apreender. Inclusive esse processo pode trazer talvez, quem sabe, e aí eu volto de novo ao tema amor, pode trazer uma cura para os traumas. Estive numa aldeia indígena no Canadá, os *Mohawks*, em 1992, e estava havendo um conflito com a polícia de Quebec porque estavam tomando uma área sagrada deles. Vieram *Mohawks* dos Estados Unidos e de vários lugares para lutar contra a invasão do terreno sagrado deles. Estive uns dias com eles e me recorro que eles ainda guardavam, apesar de serem *blue-collar*, de serem operários e já estarem muito distantes da origem, ficou um registro como nos nossos nativos da América do Sul, o registro que ainda pode ser resgatado.

A união é o segredo, eu vejo, é o segredo para uma nova utopia que pode nascer. E ela não é fantasiosa, como o sentido da palavra utopia poderia ser. Ela está aqui há 4 bilhões de anos, ela nos produziu, essa utopia. Ela é um *matrix* que a gente não tem consciência dela e não obstante a gente está respirando sem parar e nosso corpo funciona desde o dia em que a gente nasceu.

ANTONIO NOBRE

É cientista e ativista. Seu foco principal de estudo é a Amazônia. Já foi pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e atualmente é pesquisador sênior do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Ele participou do Selvagem ciclo em 2019.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Agradecemos a Larissa Vaz pela transcrição do conteúdo e a Isabelle Passos pela editoração.

CORREALIZAÇÃO

SLIP

LARISSA VAZ

Jornalista de formação e mestranda em antropologia, Larissa Vaz trabalha com pesquisa, edição, revisão e tradução para publicações. Co-editou a antologia de poesia *Tertúlia* (ágrafa, 2018) e colaborou como pesquisadora para os livros *Todas as crônicas* (Rocco, 2018) e *Todas as cartas* (Rocco, 2020), de Clarice Lispector. É também oraculista e escreve para sondar o mistério.

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2022

